

O CORTIÇO E A REALIDADE BRASILEIRA NO FINAL DO SÉCULO XIX

SANDRA REGIANE SALVADOR DE CARVALHO

Graduação em Letras pela Faculdade Braz Cubas (2018); Especialista em Práticas Educativas pela Faculdade de Educação Paulistana (2019); Professora de Educação Infantil e fundamental 1 - EMEI Tomás Antônio Gonzaga e Educação Infantil - CEI Zilda Arns Neumann



RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar como a sociedade brasileira das últimas décadas do século XIX foi retratada na obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, relacionando a ficção com o momento histórico em que estava inserida na época que foi escrita (entre 1885 e 1890), final do segundo Império no Brasil e começo da República. Levantando reflexões a respeito da descrição feita pelo autor das mais diversas cenas e ‘tipos sociais’ da vida carioca que ele trouxe para o romance, configurando-o como um “retrato” da realidade daquele momento, o que confirma seu caráter naturalista, no qual o autor é um “cientista social” e ao mesmo tempo um “historiador do presente”. Ainda, em uma leitura atual, como a obra continua muito importante por expor mazelas que até o momento, mesmo passados 127 anos desde a sua publicação, ainda não foram sanadas em nosso país. Para tanto, aqui abordaremos como a obra retrata a sociedade da época, a linguagem usada pelo autor, a importância da questão espacial no romance e sob que ponto de vista foi escrito. Também porque a obra continua atual em alguns aspectos e como ela serve para entendermos melhor a sociedade da época em que foi publicada e conseqüentemente a nossa.

PALAVRAS-CHAVE: O Cortiço; Aluísio Azevedo; Naturalismo; Sociedade Brasileira; Século XIX.

INTRODUÇÃO

“O Cortiço” é uma obra ambientada numa habitação coletiva, o cortiço São Romão, retratando o cotidiano de seus moradores e suas lutas diárias pela sobrevivência. Centra-se também na ascensão social de João Romão, o proprietário, imigrante português disposto a tudo para enriquecer e subir na vida. No romance apresenta-se uma gama de personagens trabalhadores, de diferentes profissões – lavadora, ferreiro, operário – reflexo das transformações que o País enfrentava: determinação do fim do tráfico negreiro (1850) e da escravatura (1888), decadência da economia açucareira, industrialização e crescimento das cidades. O autor tenta fotografar o real e traz todos esses elementos e conflitos para o romance. A história se dá em dois ambientes principais bem diferentes, o cortiço do João Romão e o sobrado do Barão Miranda, figura que representa a elite brasileira.

“Temos a presença de várias camadas socioeconômicas, desde a classe dos mais humildes, passando pela pequena classe média, burguesia e elite. O autor faz uma síntese da sociedade naquela época. “Há relações de conflito interracial, oposição entre escravidão e trabalho livre, brasileiros e portugueses – havia uma animosidade, por conta da colonização”. Espelhando o espírito da época, é um retrato fiel do capitalismo emergente no século XIX e da conseqüente exploração das camadas mais frágeis da população. É evidente a exploração do pobre pelo rico, do negro pelo branco. Situada no realismo-Naturalismo tem uma forte influência do cientificismo. Em relação à literatura, o cientificismo seria a prática de obter conclusões acerca do indivíduo ou da sociedade com base em uma “ideologia científica.” Uma busca pela observação absoluta e imparcial do ser humano, com tendências a enxergá-lo como um animal e priorizar seus aspectos instintivos e sexuais, ainda que se admita ter capacidades e habilidades que o distingue dos animais em si, como o raciocínio. Ao contrário da concepção de Rousseau, segundo a qual o homem é naturalmente bom, os naturalistas o viam, já por natureza, roído por defeitos, por moléstias psíquicas e físicas. Nesse contexto, três correntes da época podem ser identificadas na obra: o positivismo, o determinismo e o darwinismo social. A primeira diz que o Homem é um ser humano sujeito às leis da natureza, luta pela sobrevivência, evolui segundo suas capacidades de adaptação e sofre interferência do meio; a segunda que colocava na ciência a crença de uma sociedade melhor e mais inteligente e a terceira evolucionista relata que há competição entre as raças na qual uma raça seria superior a outra. A intenção do método naturalista era fazer uma crítica contundente e coerente de uma realidade corrompida e mais do que empregar os preceitos do naturalismo, a obra mostra práticas recorrentes no Brasil do século XIX. Por isso pode-se dizer que “O Cortiço” não é somente um romance naturalista, mas uma alegoria do Brasil.

Em um romance naturalista as ideias ganham forma no romance de tese, veicula um saber emprestado à ciência ou seja antiromântico. A escola naturalista trouxe para a prosa de ficção os métodos científicos de observação e experimentação, numa tentativa de “exame com neutralidade” O modelo biológico é aplicado ao estudo da sociedade, que é tomada como um organismo vivo e segue um ciclo (nascimento, crescimento e morte).

O CORTIÇO COMO RETRATO

O período em que a ação ocorreu foi no Rio de Janeiro do século XIX. Este dado é fundamental, já que durante essa época, o Rio de Janeiro era sede do império, se tornando a primeira cidade modernizada. Assim, o romance reflete o crescimento urbano do seu tempo, o nascimento de uma nova burguesia que convivia, lado a lado, com a pobreza absoluta. Na descrição dos personagens não há idealização nem uma ideia romântica, eles são representados como seres humanos que cedem a instintos e ao meio. A obstinação de João Romão por exemplo, o que o leva a furtos, os inúmeros adultérios, a questão da homossexualidade e até o homicídio na obra mostram uma face do ser humano tal como ele é muitas vezes. Essa foi uma das razões pelas quais a obra foi chocante para a época.

De acordo com Cândido (1973, p.121): “O cortiço é ao mesmo tempo um sistema de relações concretas entre personagens e uma figuração do próprio Brasil.” A princípio Azevedo pretendia escrever uma obra em 5 volumes chamada “Brasileiros novos e antigos” que retrataria a realidade brasileira desde a independência (1822) até o fim do Império (1889), porém o projeto não foi concluído, mas boa parte da ideia foi aproveitada em *O Cortiço* no qual temos diversos temas no presente e outros que remetem ao passado também. Os personagens na obra são variados e a maioria tem algum contraste. Podemos ver esse contraste entre os portugueses João Romão e Miranda em relação a Jerônimo por exemplo. Também há um contraste entre os portugueses e brasileiros, mulheres adúlteras, livres e a esposa fiel, negros e brancos e assim por diante. Bosi (2013, p. 49) destaca que Azevedo não se importa em construir um enredo, mas em criar personagens convincentes:

Só em *O Cortiço* Azevedo (2001) atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateve-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço, a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam as figuras.

Há ainda o elemento da convivência de várias classes sociais dividindo o mesmo espaço querendo ou não, uma das marcas do Brasil. O autor pretende demonstrar que o ambiente em que o indivíduo vive influencia diretamente o seu comportamento e prescreve o seu futuro.

O cortiço surge também comparado a uma floresta, transbordando de movimento e cor, quase como um ser vivo que respira e existe em si mesmo. Um dos maiores exemplos disso na obra é a transformação pela qual Jerônimo sofre, indo de trabalhador a uma vida boêmia. De acordo com Valentin (2013), *O cortiço* é um dos primeiros romances brasileiros a apresentar representações da homossexualidade.

O CORTIÇO: LINGUAGEM E QUESTÃO ESPACIAL

Outra característica lógica do naturalismo é o uso da linguagem coloquial. Dentro dos cortiços, o predomínio era de pessoas simples com poucos recursos intelectuais, o que torna os diálogos repletos de marcas de oralidade e palavras cotidianas. A linguagem é simples, com presença de gírias, expressões grosseiras e populares e imitação da fala lusitana além de ser repleta de exemplos de figuras de linguagem como a prosopopeia, na qual características humanas são colocadas em figuras inanimadas, já que o próprio cortiço adquire um caráter humano.

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava...” O cortiço é o protagonista da história, ele nasce, cresce e morre, e ele possui inúmeros personagens, costumes e intrigas. Temos também a sinestesia, essa figura de linguagem caracteriza-se pela combinação de termos que remetem a diferentes sentidos do corpo humano, presente na obra em descrições minuciosas e sensoriais.

“(…) das portas (do cortiço) surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela

para janela as primeiras palavras, os bons dias. Reataram-se as conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que alteravam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. (...)" (p.35).

O aspecto espacial é um dos mais relevantes na obra. Além de ser muito importante para as teses naturalistas por conta do meio, pode ser visto sobre outras interpretações. Uma delas é que o Cortiço é como uma extensão de João Romão já que ambos "ascendem". João Romão começa com pouco dinheiro e 90 habitações e termina o romance com 400 habitações e com título, além de ter um novo tipo de habitantes. Uma interpretação complementar é a contraposição do cortiço ao sobrado. O cortiço, habitado pelas classes mais baixas e marginais representa os comportamentos tidos como promíscuos, preguiçosos e viciosos, atribuídos na época aos pobres, aos negros e mestiços. Aqui, o autor descreve casos de violência, homossexualidade, prostituição e traição conjugal.

Já o sobrado do Miranda, típico da burguesia em ascensão, onde a vida é sossegada e superficial, o tempo é dedicado à cultura e ao lazer, representa o estilo de vida das classes mais altas e suas preocupações. Dois espaços diferentes o sobrado sendo em cima e o cortiço em baixo.

"Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida. "Miranda se sentia acuado pelo tipo de pessoas que frequentavam e moravam no cortiço e como a situação era degradante.

Mas não era algo de todo incomum já que no contexto do início do capitalismo pelo Brasil era comum o explorador viver próximo ao explorado, o que pode ser visto no fato da estalagem de João Romão estar próxima aos moradores do cortiço. E ao lado Miranda que representa uma condição social mais elevada. Tal quadro é resultado da proibição do tráfico negreiro e as gradativas medidas adotadas que culminaram na abolição da escravidão. Que legou a população pobre, sem escolha, a habitações populares e na maioria das vezes com condições insalubres.

Em um primeiro momento o cortiço é descrito de uma forma mais animalésca, o que coincide com sua situação mais simples e com habitantes mais pobres. Porém após o incêndio já se apresenta de uma outra forma sendo descrito por uma metáfora mecânica. Como se representasse o futuro e o progresso.

"Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava a ideia do que fora. O pátio, como João Romão havia prometido, estreitaram-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lampiões grandes simetricamente dispostos."

A obra, apesar de seu intuito "científico" de ser objetiva e imparcial, não deixa de ser escrita sob um viés por parte do autor. Este recebe influências da geração de 70 portuguesa, movimento que busca modernizar as instituições – promover reformas. Ficou conhecido como 'ideias novas' e tinham um caráter anticlerical, republicano, abolicionista e nacionalista.

Os romances escritos por autores nesse contexto não podiam deixar de ser um “romance de combate” já que a literatura naturalista servia as causas políticas também. Tinham por objetivo exibir as mazelas sociais, muitas vezes em tom de denúncia, de campanha e luta. Também apresenta um “diagnóstico” de doença social, nesse caso a brasileira, pretendendo mostrar o declínio moral por meio dos vícios das personagens que pertencem àquele momento histórico (segundo império, reinado de dom Pedro II). O desfecho de Bertoleza evidencia por exemplo as bases frágeis em que estava apoiada a abolição da escravidão no Brasil - os negros não contariam com uma verdadeira liberdade, pois a estrutura social oligárquica brasileira poderia garantir a liberdade, mas não os verdadeiros direitos de qualquer cidadão, para combater os problemas, transformando verdadeiramente a sociedade e assim apresentar otimismo ao progresso.

Em contraponto já que Aluísio Azevedo fazia parte da elite intelectual, a sua visão da classe rica a respeito das classes mais baixas era negativa em muitos pontos. O que abre margem também para questionamentos a respeito da forma como alguns comportamentos são abordados na obra, já que alguns parecem “exagerados”, mesmo dentro de um contexto naturalista, determinista e positivista. Isso é demonstrado na condição da negra Bertoleza e da mestiça Rita Baiana que queriam se misturar com os portugueses para a “melhoria” de sua raça. Aluísio combate como princípio teórico, a degradação causada pela mistura de raças. Por isso, os romances naturalistas são constituídos de espaços nos quais convivem desvalidos de várias etnias. Esses espaços se tornam personagens do romance. Ao passo que hoje em dia há uma tentativa de valorizar essa mistura ao invés do contrário. Com relação a isso, não se pode dizer que seja como uma representação muito verdadeira e exata já que hoje compreendemos que as raças são iguais e não há uma melhor que a outra.

O CORTIÇO COMO LEGADO

Sem dúvida alguma O Cortiço se trata de um livro icônico e que continua tendo relevância nos dias de hoje, pois mostra os desequilíbrios e contrastes entre ricos e pobres que dividem o mesmo espaço urbano. Para tanto, o autor valeu-se de imigrantes portugueses, escravos e seus descendentes mestiços, sujeitos às influências físicas do espaço do Rio de Janeiro e do clima tropical. Valeu-se também da imposição e desmandos de classes sociais mais fortes esmagando mais fracas, no ambiente de degradação de um cortiço. Aluísio de Azevedo oferece a nós um retrato do Brasil, no final do século XIX, expondo que a miséria material e humana não são naturais, mas fabricadas. São frutos inequívocos de uma sociedade organizada de maneira equivocada.

Ao abordar temas como modernidade e moralidade, casamento por aparência, direitos como divórcio, temas urbanos e uma abordagem da cultura com nativismo, linguagem coloquial e usos locais além de mostrar os marginalizados, mulheres livres, imigrantes, escravos, trabalhadores e denunciar as injustiças sociais mostrando o preconceito, a hipocrisia, a ambição dos homens, trouxe novidades para a literatura brasileira. A representação de elementos puramente brasileiros como a natureza e a mistura em uma descrição detalhada também são aspectos que dão um tom único ao romance, diferenciando-o do naturalismo da Europa, por exemplo.

E não deixa de representar também uma resistência da cultura brasileira à europeia. A forma como o romance foi recebido exemplifica como a realidade não estava muito longe da ficção. Apesar de uma recepção boa, não deixou de chocar muitas pessoas já que nele o suicídio, o preconceito racial, de classes, a homossexualidade, a miséria e as injustiças foram retratadas de uma maneira muito forte expondo o que há de sórdido no ser humano.

Uma leitura atual de *O Cortiço* nos permite ver que muitos problemas apontados na obra não foram resolvidos. Já que uma década após a publicação de *O Cortiço*, o Rio de Janeiro passou por um processo de urbanização e o então prefeito, Pereira Passos, ao se inspirar na França tentou modernizar a capital do país. Dentre as medidas estava a vacinação obrigatória da população e a destruição de cortiços. Parte da população expulsa foi para a periferia da cidade, o que resultou nas favelas. A realidade vivida no romance é muito parecida com a de milhares de pessoas que vivem em favelas brasileiras hoje em dia. O preconceito de classe e racial, a segregação entre outros problemas também são aspectos ainda muitos presentes em nosso dia a dia. Por mais que a obra tenha tido a intenção de crítica, muitas das ideias usadas nela serviram para manter um sistema de opressão com justificativas científicas. O que apenas mostra a continuidade da história e como ideias passadas por gerações demoram a desaparecer da vida comum. No romance, está presente o mundo do trabalho, do lucro, da competição, da exploração econômica visível, que dissolvem a fábula e sua intemporalidade. O cortiço é considerado o melhor representante do movimento naturalista, aparecem duas linhas de condutas: uma que trata das questões individuais e sentimentais. O Cortiço acaba se tornando, de certa forma, uma personagem do livro em virtude de uma personificação do espaço. Por exemplo, em um certo momento o narrador diz que “os olhos do cortiço se abrem” ao invés de dizer “as janelas do cortiço se abrem”. Essa característica tem bastante a ver com o fato de, para a corrente, o meio ter influência na ação das personagens. Outro exemplo disso na obra o cortiço é o próprio sol. Em certo momento, a esposa de Jerônimo culpa o sol por todas as desgraças que ocorreram em sua vida.

O cortiço segue o figurino naturalista em duas linhas de exposição de comportamento humano. A tragédia de João Romão apresenta a visão naturalista das relações sociais, ao passo que a de Jerônimo indica a perspectiva adotada pela escola no que diz respeito às relações pessoais. Nos dois casos evidenciam-se patologias que definem os desvios morais dos personagens. Mas é bom observar que tanto em um ambiente quanto no outro o padrão moral é o mesmo, caracterizado pela baixa e pelo domínio dos instintos.

O romance naturalista ataca a monarquia, o clero e a sociedade burguesa, negando essa burguesia a partir da célula-mãe da sociedade: a família. Uma obra primordial para o movimento naturalista no qual inspirou o autor. A obra está a serviço de um argumento, além disso, o livro apresenta outras questões pertinentes para pensar o Brasil que ainda são atuais, como a imensa desigualdade social e racial. Aluísio Azevedo explora em sua obra o ser humano e como pano de fundo a construção, ao viajarmos no tempo, é como se a história um ciclo de repetição, um olhar que diferencia nas dimensões do espaço, mas não no enredo de cada personagem, “a ordem dos elementos não altera o produto” uma propriedade comutativa da matemática que materializados na

realidade humana, embora em períodos diferentes, a história é produzida.

Assim, o ambiente é mais que estrutura arquitetônica, é reconhecer as relações da existência humana em seu espaço. A história dos personagens gera uma memória coletiva segundo Santos (2008), este homem autor não só de sua história, mas participante da história de uma cultura, de um grupo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se demonstrar como o romance “O Cortiço” de Aluísio Azevedo retratou a sociedade brasileira, mais especificamente carioca do século XIX mediante a descrição de personagens e situações em sua obra sob uma ótica naturalista, que expôs diversos problemas sociais. Na maior parte em tom de crítica a hábitos considerados “imorais” e “corrompidos”, sempre na intenção de comprovar sua tese, mas ainda sim verossímil. Essa obra continua atual porque muitas das críticas presentes nela ainda podem ser feitas hoje em situações e problemas que não foram superados em nossa sociedade. E apesar de algumas ideias consideradas preconceituosas que hoje em dia talvez não tivessem sido feitas, mesmo assim serve para entendermos as ideias correntes no contexto de sua publicação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio – **O cortiço**. Editora Moderna; 2001

BOSI, Alfredo - **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix;1994. ISBN 978-85-316-0189-7. p.188.

CÂNDIDO, Antônio – **De cortiço a cortiço**. Novos estudos número 30; jul 1991. pág. 111-129.

Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/De%20cortico%20a%20cortico%20-%20Antonio%20Candido.pdf/view>

VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido.

Representações da homossexualidade nos romances O Ateneu, de Raul Pompéia, e O cortiço, de Aluísio Azevedo.

Rascunhos Culturais, Coxim/ MS, v.4, n. 8, p.179-200, jul./dez. 2013.

Disponíveis em: https://www.academia.edu/6384666/Representacoes_da_homossexualidade_nos_romances_O_Ateneu_de_Raul_Pompeia_e%20O%20cortico_de_Aluisio_Azevedo